

## RESENHAS

**MARTINS, Cyro. Trilogia do Gaúcho a Pé. Porto Alegre, edição APLUB (Associação dos profissionais liberais Universitários do Brasil, 1988.**

A trilogia composta de três romances de Cyro Martins compreende: *Sem rumo*, 1937; *Porteira fechada*, 1944; *Estrada Nova*, 1954.

O autor apresenta uma visão do Rio Grande após a industrialização em que os valores tradicionais são substituídos por outros hábitos mais condizentes com o progresso e mais esquecidos do passado...

Na "apresentação", Carlos Jorge Appel focaliza o lado histórico da trilogia, na seqüência das narrativas Cyro Martins compõe um vasto painel de uma época em crise fixando um momento histórico em que ocorrem profundas transformações sócio-econômicas na campanha gaúcha.

Cyro Martins no "Prefácio" faz um depoimento digno de nota: "Essa Trilogia, não nasceu trilogia, mas que, embora sem intensão premeditada, ao longo do seu e do meu Caminho foi adquirindo essas características, enriqueceu-se de densidade humana de livro para livro, a ponto de eu agora poder dizer, sem exagero, que quase todas as figuras representativas das diversas camadas da população da campanha rio-grandense e das cidades estão, aí, em desfile, com o seu pitoresco, com as suas altanerias, com seus trapos, com suas humilhações, enfim, com os seus aspectos formais e essenciais, principalmente.

Continuamos com o depoimento de Carlos Jorge Appel: "Em boa hora a APLUB resolveu realizar uma edição especial da trilogia do gaúcho a pé, numa justa homenagem ao escritor, notável pela pureza da inspiração, pela probidade artística, notável pela originalidade, como registrou, entusiasmado, Dionélio Machado a respeito de Cyro Martins."

Iniciativa como esta da benemérita APLUB não só preserva a memória da produção dos escritores do Rio Grande como valoriza as conquistas literárias pela fixação do texto e pela divulgação das obras esgotadas, isto é fora de circulação.

**Prof. Ir. Elvo Clemente**

**GARCIA, Edson Gabriel. A Leitura na Escola de 1º Grau. Por uma outra leitura da leitura. São Paulo, Edições Loyola, 1988. 87p.**

"(...) solicito ao leitor que entre na leitura desse texto desarmado e armado, ao mesmo tempo. Desarmado, sem idéias preconcebidas, pronto para receber. Armado de

critérios, de interesses e pronto para discutir." Assim Edson Gabriel Garcia encerra a apresentação deste livro, convidando o leitor a conhecer o itinerário de suas lutas e reflexões na área da promoção da leitura em nossas escolas públicas.

Experiência viva. Prática vivida. Ação vivenciada. Planos levados ao concreto das escolas, gerando resultados patentes. Dessa forma, as colocações, por serem fundamentadas na vida do autor (e não em romantismo barato), ganham em significação, mostrando que é sim possível educar leitores nas escolas públicas deste país desde que determinadas condições sejam oferecidas.

Na primeira parte do livro — "Leitura: idéias, discussões e teoria" —, o autor trata especialmente da questão dos propósitos da leitura no contexto da escola e no contexto do ensino da língua portuguesa. Três citações servem à elucidação desses propósitos: "Para que saber ler e escrever e falar melhor do que sei? A resposta a essa pergunta, além de justificar a existência da escola, me diz que preciso saber ler, escrever e falar melhor para me servir das infinitas informações disponíveis e participar da construção da história do meu tempo e interferir no meu cotidiano." (p.14) "Há uma função política subjacente ao trabalho com a leitura na escola. Uma função política que prevê (...) um diálogo do leitor com o texto, cujo resultado esperado é a formação de uma visão de mundo, mais abrangente e crítica do contexto histórico em que está metido esse leitor." (p.23) "(...) a leitura é para o homem um instrumento de compreensão e análise do seu mundo." (p.31)

Na base desses propósitos, intencionalmente grifados por nós, coloca-se a compreensão, a crítica e a participação, que formam o tripé do exercício da cidadania. Dessa forma, mais do que o conhecimento de conteúdos referenciados por diferentes textos, interessa à escola, lutar pela qualidade política do ensino, ou seja, lutar para que os estudantes, através das práticas de leitura, não se transformem em massa de manobras, em seres ignorantes e alienados de sua realidade social.

Na segunda parte, intitulada "Leitura: propostas, discussões e prática", Edson se preocupa em exemplificar os modos de encaminhamento da leitura em sala de aula, apresentando, inclusive, fontes de orientação/atualização aos professores. O artigo "O Professor e a mediação da leitura: da teoria à prática" (pp.35-50) é uma preciosidade à medida em que apresenta os parâmetros básicos para a renovação da leitura escolar, que são coroados pelo relato de uma experiência elucidativa.

Afirma o autor: "A mola propulsora do trabalho com leitura é (...) o envolvimento, o compromisso profissional do professor. Sem isso, tudo é desnecessário, tudo é em vão, tudo é absolutamente inútil." (p.36). E cabe a esse professor "(...) abrir caminho para o leitor, sem apresentar uma leitura pronta, sem colocar obstáculos no meio, permitindo que o diálogo entre texto e leitor se processe do modo mais natural possível. Mediar a leitura é ler com o leitor, construindo uma experiência de significação que seja a soma de todas as significações, a soma de todas as histórias das leituras individuais." (p.37). Esse trabalho de mediação, levado a efeito por professores com repertório concreto de leitura, deve ser organizado a partir de uma taxionomia de objetivos, que contemple os porquês e os para quês das diferentes interações leitor-texto em sala de aula.

Tais colocações, nascidas de práticas vividas pelo autor, corroboram outras críticas dirigidas à rotinização das atividades de leitura no âmbito da escola. Mais especificamente, sem professores que efetivamente leiam, sem uma metodologia democrática, sem objetivos norteadores para as práticas de leitura escolarizada e sem acervos disponíveis, serão mínimas as chances de uma educação conseqüente dos leitores.

Nos capítulos finais do livro, Edson relata a sua experiência como coordenador do Programa de Sala de Leitura das Escolas Municipais de 1º Grau de São Paulo (1983-

1985), explicitando os parâmetros utilizados para a constituição dos acervos de livros (literários, de referência e pedagógico para os professores) e para as dinâmicas de leitura decorrentes. As estatísticas demonstrativas do uso dessas salas (p.71) não deixam margem a qualquer dúvida: quando as condições se fazem presentes, é possível a formação do gosto pela leitura em nossas escolas públicas. Pelo que sabemos, lamentavelmente o Prefeito Jânio Quadros, muito afeito ao "Fê-lo porque quê-lo", não deu a devida atenção a esse excelente programa e, inclusive, exonerou Edson do cargo que tão bem vinha desempenhando.

O último capítulo — "Onde procurar ajuda: o profissional vencendo o comodismo e o despreparo" — fornece um elenco de autores, órgãos e associações nacionais que lutam pela renovação da leitura nas escolas brasileiras. Tais referências adquirem muito valor no corpo da obra, pois que, infelizmente, os serviços de circulação de conhecimentos e experiências na área da pedagogia da leitura deixam muito a desejar. Assim, o estudo dessas fontes mostrará aos leitores, que já possuímos, aqui no Brasil e na distância de uma boa livraria, elementos para um melhor encaminhamento das práticas de leitura.

Edson Gabriel Garcia, cuja militância nas áreas de leitura e literatura é digna de todo respeito, dá uma significativa contribuição ao avanço dos estudos sobre a dinâmica da leitura nas escolas brasileiras. Em verdade, neste momento histórico de tantas desilusões, as palavras de Edson podem ser tomadas como injeções de esperança no horizonte do é-possível-fazer. Conforme afirmação contida no livro, a leitura crítica, tanto para alunos como para professores, pode ser tomada como uma "estratégia de sobrevivência". Vale, então, conferir!

Ezequiel Theodoro da Silva  
UNICAMP

## A representatividade de Pedra Bonita, no romance brasileiro.

O chamado Romance de Trinta representa a reconstituição, por parte de historiadores e críticos literários, de um momento que a literatura brasileira viveu, a partir de determinadas tendências no que se refere à produção romanesca.

Inscrevem-se nessa tendência os autores que publicam suas obras por volta de 1930, cuja temática gira em torno de questões agrárias, localizadas em regiões brasileiras bem definidas. José Américo de Almeida, José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Erico Veríssimo, Graciliano Ramos, Cyro Martins e Jorge Amado constituem, entre outros, exemplos paradigmáticos de ficionistas que buscam o regional como matéria-prima de suas produções.

Historicamente esse fato está relacionado com a grande crise vivida após 1914, marcando a decadência e derrocada dos velhos impérios europeus, que vêm esgotadas as possibilidades de impor os modelos de exploração econômica aos países que ora se erguem como estruturas mais complexas, apoiados pela imigração e pelo crescente processo de industrialização. Neste contexto, o Brasil se insere numa nova era: a industrial-capitalista. Deixa, aparentemente, para trás, o modelo econômico arcaico das estruturas agrárias que então sofrem um visível colapso.

E a arte literária, especialmente representada pelo romance, ganha contornos diferentes, absorvendo e refletindo as tendências que então se estruturam na sociedade brasileira.

As mudanças no plano econômico determinam significativas alterações em todos os setores sociais. Assim, "os anos 30 foram de engajamento político, religioso e social no campo da cultura. Mesmo os que não se definiam explicitamente, e até os que não tinham consciência clara do fato, manifestaram na sua obra esse tipo de inserção ideológica, que dá contorno especial à fisionomia do período" (CÂNDIDO, 1987:182). A literatura, então, assume uma posição crítica, revelando o alargamento da inteligência brasileira que passa a ter consciência da participação das massas no processo cultural. São forças emergentes, decorrentes da crescente industrialização, que passam a ser politicamente arranjadas. Cria-se, por assim dizer, a consciência de que os operários constituem uma classe de força que precisa ser organizada.

Assim, o Romance de Trinta surge como manifestação artística preocupada em criticar a sociedade pela base, refletindo um sério propósito de engajamento ideológico. E, para efetivar esse projeto, retoma a corrente localista do pré-modernismo, porque se caracteriza pelo REGIONAL. Como tal, valoriza a linguagem coloquial concernente ao contexto das personagens, aproveita temáticas características do país, como a decadência da aristocracia rural, a ascensão do proletariado urbano, o êxodo rural, o cangaço. E é precisamente nesta última vertente que se insere *Pedra Bonita*, sétimo romance de José Lins do Rego, publicado em 1938 e que, segundo alguns críticos, como Antonio Cândido e Aderaldo Castello, pode ser incluído no chamado Ciclo do Cangaço, juntamente com *Cangaceiros*, editado em 1953, pelo fato de a temática estar ligada à seca do sertão nordestino, ao misticismo religioso e à ação dos cangaceiros nesse contexto.

Lins do Rego faz uma combinação entre diversas formas de relato, desde a lenda, a épica até a crônica, para contar a história de um caso de fanatismo religioso que se deu em Vila Bela no século dezenove, trazendo para a cena o prefeito, o padre, o sacristão, a solteirona, o juiz, o escrivão, o delegado, o barbeiro, elementos que compõem um painel representativo da complexidade da vida em uma pequena cidade do sertão nordestino.

Neste sentido, o fanatismo religioso que se estabelece na região de Pedra Bonita, em Pernambuco, pode ser explicado pela necessidade que a população economicamente desprivilegiada possui de encontrar um messias para tirá-la da situação de extrema pobreza e miséria em que se encontra. Prova disso é o fato desse fanatismo não tomar corpo, mas ser combatido veementemente por indivíduos que pertencem a outro estrato social, como o prefeito, o juiz, o coletor, etc. Esses, ao contrário, sentem-se ameaçados e temem que o movimento assuma proporções que possam desestabilizar as estruturas sociais que os sustentam, especialmente porque apoiado por grupos de cangaceiros. E a atuação cautelosa do padre Amâncio, no sentido de temer uma forte represália das forças do governo junto ao arraial em que se encontram os fanáticos, comprova essa afirmação. Entende-se, aí, sua preocupação por estar velho e ter perdido as forças. Sabe-se que seu povo precisa de ajuda, mas se encontra à beira da morte. Prevê um grave embate entre oprimidos e opressores, mas se encontra de mãos atadas, para tentar encontrar solução para o conflito. Vai ao arraial, com o intuito de convencer os seguidores do beato a voltar para suas casas, mas seu esforço é em vão.

O aproveitamento da temática ligada ao fanatismo religioso, segundo Alfredo Bosi, em *História concisa da literatura brasileira*, deve-se ao fato de Lins do Rego ter lido os poemas de cordel do poeta João Martins de Ataíde, que contém toda a saga dos Vieira, família de cangaceiros que viveu no nordeste. E não se pode pôr em dúvida essa questão, visto que os fatos narrados aproximam o leitor do universo diegético, à medida que ocorre uma associação entre temas e linguagem do cotidiano, típicos do interior de Pernambuco.

Assim, Lins do Rego efetiva uma proposta de depoimento sobre a realidade que, embora circunscrita ao sertão nordestino, pode ser pulverizada para outras regiões brasileiras. Fica implícita, pois, a idéia da necessidade de uma transformação social que possibilite condições de vida mais justas ao povo. A temática regional, assume, pois, papel de reveladora de uma denúncia, permitindo inferir sobre a necessidade de mudanças na estrutura social. Trata-se, pois, de um retrato vivo de Brasil, ou, em outras palavras, da consciência sobre a condição de subdesenvolvimento do país. Neste sentido, o romance assume um caráter universal, por permitir que afluam forças antagônicas que interagem nas relações sociais. E, precisamente esse fator, faz com que *Pedra Bonita*, publicado em primeira edição no ano de 1938, não perca sua atualidade. Inserido no que os estudiosos da literatura convencionaram chamar de Romance de Trinta, reflete um processo de conhecimento e interpretação da realidade nacional, apontando para a necessidade de transformações sociais, que se evidenciam tanto a nível temático quanto a nível de processos estéticos empregados. Entende-se, por exemplo, tentativas, mesmo que acanhadas, de rompimento da linearidade narrativa, com a superposição de quadros, a técnica de diálogos, a rapidez, economia e simultaneidade que se aplica na linguagem. Instala-se, com força, a tendência para a análise, em contraposição ao conformismo. E essa tendência para a análise possibilita a redefinição da cultura brasileira, a partir da tomada de consciência da realidade.

É certo que José Lins não deixa de lado o problema da criação. Mas é certo também que dá muito mais ênfase ao depoimento. Testemunha sobre o homem, valendo-se do ambiente, da descrição, das cenas, do diálogo, havendo o primado da objetividade, da valorização, por exemplo, da personagem tipo, que representa a coletividade. E a solteirona, as fofoqueiras, o funcionário público e outros exemplificam com clareza essa tendência.

O discurso utilizado pelo Autor oscila entre o literário e o ideológico, recaindo o predomínio sobre o verossímil — da referência imediata. Retira essa matéria-prima de parcelas bem delimitadas da população, desenvolvendo, assim, o regional, a partir do aproveitamento do tipicamente localizado. E o uso desse regional típico possibilita denunciar as relações semi-feudais que se estabelecem entre camadas da população economicamente desprivilegiadas e privilegiadas. A denúncia localiza-se justamente no fato de o homem ser um elemento reificado nesse tipo de relação, visto que explorado, alienado, espoliado. O homem, assim tratado, não passa de uma máquina. E o projeto ideológico, como tal, tem ressonância.

*Pedra Bonita*, editado há 51 anos atrás, é um romance que procura, tanto quanto outros que se alinham ao Romance de Trinta, repensar a situação histórica de subdesenvolvimento do Brasil, fundamentalmente marcada pelas relações de dominação que se estabelecem entre dominador e dominado. É, pois, o retrato de uma realidade pungente, que urge mudanças. E, como tal, precisa ser revalorizado, ou, quem sabe, valorizado.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 — ANDERSON IMBERT, Enrique. *A crítica literária: seus métodos e seus problemas*. Coimbra, Almedina, 1987.
- 2 — BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo, Cultrix, [s.d.].

- 3 - CANDIDO, Antonio & CASTELLO, Adersaldo J. *Presença da literatura brasileira: o Modernismo*. São Paulo/Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.
- 4 - CANDIDO, Antonio. "A Revolução de 30 e a Cultura". In: *Educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.
- 5 - COUTINHO, Afrânio. *Da crítica e da nova crítica*. Civ. Brasileira, 1975.
- 6 - DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1986. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

Solange Medina Ketzer

## Teatro do Absurdo

Surpreendente entrevista foi concedida há pouco por Eugène Ionesco à revista internacional *30 Giorni* que se edita atualmente em cinco línguas: Italiano, português, francês, espanhol e inglês. Entrevista ilustrada que ocupa as páginas 66 a 71 do n.º 8, de agosto/setembro de 1988.

Nessas páginas não se sabe que mais admirar, se a lucidez de pensamento desse festejado dramaturgo romeno-francês de 76 anos, se a aguda auto-análise que faz de sua posição no universo de idéias de nosso tempo. Sem esquecer ainda o bom conhecimento de causa revelado pelo entrevistador Stéfano M. Paci ao conduzir o diálogo.

Ronda-nos a tentação de reproduzir toda ou quase toda a entrevista, ainda que condensada. Desaconselhável. Somos, pois, levados a cingir-nos à parte essencial que se relaciona com o título do artigo; praticou realmente Ionesco o chamado "teatro do absurdo"?

À pergunta inaugural de Stéfano M. Paci - "Senhor Ionesco, o sr., que foi o fundador do chamado Teatro do Absurdo, tantas vezes identificado pela crítica como o teatro do sem-sentido, da vida desprovida de significado, escreveu uma peça sobre a vida de São Maximiliano Kolbe, que será dirigida pelo cineasta polonês Krzistof Zanussi. Alguns já começam a falar de conversão. O que está acontecendo?" - assim respondeu o célebre dramaturgo:

"Essa busca da espiritualidade, do absoluto, começou há muito tempo, desde a minha juventude. O meu teatro não é o teatro do sem-sentido. O Teatro do Absurdo é uma invenção do crítico inglês Martin Esslin que utilizou esta categoria para definir um tipo de teatro que se fazia no fim dos anos 50. Esslin foi influenciado por autores como Camus, Merleau-Ponty e Sartre, que naquela época falavam muito do absurdo. Mas pouca gente leu com atenção o que escrevi. Não sou um escritor do absurdo. Para escrever textos sobre o absurdo eu deveria conhecer aquilo que não é. Mas eu procuro um significado, um sentido, talvez de forma um tanto aventureira.

Rejeito categoricamente a etiqueta de Teatro do Absurdo. O meu teatro sempre quis dizer alguma coisa. Quem se prende a essa fórmula são aqueles que não leram as minhas obras ou não entenderam nada quando as assistiram. O livro de Esslin se difundiu no mundo inteiro e agora todos aceitam e repetem a sua definição. É assim que se entra para a história literária com uma falsa etiqueta, através de um mau crítico. Hoje este termo está tão difundido que é utilizado até por enciclopédias. Eu já estou desconsolado. Trata-se de um grande equívoco. É um erro fundamental, e os erros e as incompreensões nascem sempre da vontade de simplificar as coisas."

Paci: "O seu teatro, a exemplo do teatro de Samuel Beckett, autor de *Esperando Godot*, parece mais um Teatro da Ausência, a ausência de Deus e o desesperado desejo de que Ele se revele e dê significado a este mundo e à nossa existência."

Ionesco: "Sim, certamente. Nunca compreenderam que o tema do nosso teatro é exatamente a ausência de Deus e a Sua busca. A obra de Beckett é um S.O.S. lançado a Deus, é um grito permanente (...)."

As páginas restantes seguem nesse afinado diapasão, analisando conteúdo e sentido das peças do dramaturgo, *As Cadeiras*, *A Cantora Careca*, *Rinocerontes*. Ionesco aborda também produções e posições de outros intelectuais de renome internacional, inclusive de alguns de orientação cristã como Berdiaev, Mounier, Gabriel Marcel e Jacques Maritain.

Fundamentalmente o que preside toda a entrevista espelha-se no primeiro destaque que faz a revista, com relevo: "Rejeito categoricamente a etiqueta de Teatro do Absurdo. Nunca entenderam o que o tema do meu teatro é a ausência de Deus e a Sua busca. Fui vítima de um terrível equívoco, cujo responsável é o crítico literário inglês Martin Esslin."

Lothar Hessel  
Academia Rio-Grandense de Letras

## CO-EDIÇÕES EDIPUCRS

A PUCRS, em co-edição com a Livraria Editora Acadêmica Ltda., publicou as seguintes obras:

- 1 - ZILLES, Urbano. *Gabriel Marcel e o existencialismo*, 1988, 128p. - NZ\$ 3,00.
- 2 - CLOTET, Joaquim e outros. *A justiça*, 1988, 104p. - NCz\$ 3,50.
- 3 - BIZ, Osvaldo. *Informática e soberania*, 1988, 172p. - NCz\$ 4,00.
- 4 - ULLMANN, Reinhold Aloysio. *Epicuro, o filósofo da alegria*, 1989, 110p. - NCz\$ 3,00.

*Pedidos podem ser feitos diretamente à:*

**LIVRARIA EDITORA ACADÊMICA LTDA.**

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 9 (PUCRS)

90620 Porto Alegre - RS

**epecê**  
gráfica

Av. Bento Gonçalves, 6688  
Fone: 36-8487 - Partenon  
Porto Alegre - RS